

JONES, Ernest. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Zahar Editôres, 1970, 779 páginas, 2 vol.

Já conhecido por psicólogos mais velhos na edição inglesa, vem a lume, agora, para alcançar as novas gerações, a edição brasileira da biografia de Freud, escrita por Ernest Jones.

Um dos valores mais acentuados do trabalho de Jones é ter sido êle companheiro e amigo de Freud até a morte (um dos oradores no entêrro), e não ter sido dissidente, apesar de pequenas divergências com o mestre em alguns pontos secundários da teoria.

Como é sabido, sob o ponto de vista espacial, a psicoanálise moveu-se de Viena em duas pinças: uma para a Hungria (Ferenczi) e outra para Suíça (Jung). Mas, um braço maior estender-se-ia até a Inglaterra, graças ao interesse nascido em Ernest Jones, que foi assim o introdutor da doutrina na Grã-Bretanha.

O autor, ao ressaltar sua colaboração permanente com Freud, comenta ser êle o único não-israelita dentre os que permaneceram fiéis, até o fim (fato importante na preconceituosa e aristocrática Viena de antes da guerra de 14, a qual, aliás, reduziu o volumoso e corroído império austro-húngaro a dimensões provincianas. . .).

Nas quase mil páginas de seu trabalho, Jones relata minudentemente tôdas as estradas, trilhas, atalhos, marchas e contra-marchas do movimento psicanalista. Este gráfico linear do movimento constituiu um dos pontos que tornarão o livro fonte preciosa para a história da psicoanálise e, incidentalmente, da psicologia no século XX. A fase embrionária, criadora, de Freud está descrita com muita acuidade e isenção. Uma coisa, todavia, não se pode omitir: Jones é um autor *envolvido* na obra e na vida do mestre. Todos nós gostaríamos de ler mais críticas sôbre certos fatos e sôbre a pessoa de Freud, como fêz outra biógrafa em livro mais curto, Helen Walker Puner.

Fiel ao título, o A. desenvolve bem a vida de Freud: nascimento, relações com o pai, nem sempre normais, com a genitora, quase sempre muito afetivas, quiçá numa fronteira entre o normal e nuances do anormal (sob o ponto de vista inconsciente, obviamente), com a espôsa, com os filhos.

Bastante detalhada, embora com laivos jornalísticos, é a descrição dos últimos anos de Freud, da ocupação nazista da Áustria e da luta dos amigos e discípulos para retirarem o venerando ancião de Viena. Luta tanto mais difícil porque não apenas os hitleristas resistiam, barganhavam, impunham condições, mas o próprio Freud não queria abandonar sua pátria. Contudo, a porfia e intervenção de muitos, inclusive o presidente Roosevelt, e, sobretudo o dinheiro, como resgate, oferecido e aceito pela princesa Marie Bonaparte, (ex-cliente de Freud), facilitaram o triunfo de Ernest Jones que corria de Londres para Viena, procurando persuadir o mestre a abandonar o continente. Contou-lhe até o ocorrido com o comandante do “Titanic” que, ao ser interrogado: “Por que o Senhor abandonou o navio ao invés de soçobrar com êle?” havia respondido: “Não abandonei o navio. Êle é que me abandonou.” A Áustria, que nunca dera muito a Freud, agora, sob o domínio nazista, não demonstrava entusiasmo por um judeu, ainda que sábio. Pechincharam. Uma boa soma foi paga para permitir a saída. E o profeta sem honra em sua própria terra emigrou aos 82 anos para a Inglaterra, a qual, durante tôda a vida, foi o país de sua admiração. Vale ainda registrar, como sinal dos tempos e da fraqueza dos homens, que, àquela época, apesar de todo empenho e tenacidade de Arnold Zweig, a Academia sueca não concordou em conceder a Freud o Prêmio Nobel de Literatura. Ironia, como a genialidade de Freud persiste muito além da obra de mais de 50% dos laureados pela palma máxima do mundo literário...